

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Jocineide Rodrigues

CAMINHOS ALIMENTARES DE QUEM VIVE NAS RUAS DE PORTO ALEGRE

Porto Alegre
2018

Jocineide Rodrigues

CAMINHOS ALIMENTARES DE QUEM VIVE NAS RUAS DE PORTO ALEGRE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eunice Maciel

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Jocineide
Caminhos alimentares de quem vive nas ruas de Porto Alegre / Jocineide Rodrigues. -- 2018.
47 f.
Orientadora: Maria Eunice Maciel.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Alimentação. 2. Pessoas em situação de rua. 3. Histórias de vida. I. Maciel, Maria Eunice, orient. II. Título.

Ronnie – Quem... quem é?

Denver – Era um pedreiro trabalhador até o dia em que teve um AVC. Agora ele só senta na calçada, e as pessoas passam por ele tentando não olhar.

Deixe-me te perguntar. Quando você dá comida ou um dólar a um sem-teto, o que pensa que está fazendo?

Ronnie – Não sei... Ajudando?

Denver – Não. Um prato de comida não muda nada. Ele continua sem-teto. Tudo o que está fazendo é dizer:
“Você não é invisível. Eu te vejo.”
É isso.

(Somos todos iguais, 2017)

Jocineide Rodrigues

CAMINHOS ALIMENTARES DE QUEM VIVE NAS RUAS DE PORTO ALEGRE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Claudia Fonseca – UFRGS

Prof. Dr. Caleb Faria Alves – UFRGS

Orientadora – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela vida e pelos ensinamentos que cada um ao seu modo vai me passando ao longo dos anos.

Às minhas irmãs, por me acompanharem nesta experiência maravilhosa que é a vida. Com elas tudo fica mais leve, pois temos umas as outras para dividir as dores e compartilhar as alegrias.

Minha tia, pelo carinho que sempre, desde que eu era pequena, dedica a mim e às minhas irmãs. Na casa dela tenho meu próprio garfo para quando vou por lá almoçar.

Ao Carlinhos, que está comigo pro que der e vier. Marido companheiro, sempre compreensivo com minhas ausências seja no campo ou no computador. E claro, pela formatação e revisão, ajudando a tornar mais claro os pontos que poderiam prejudicar a compreensão da leitura.

À minha orientadora, Maria Eunice Maciel, pelo carinho e doçura ao aceitar ser minha orientadora mesmo eu tendo feito o convite no semestre da defesa.

À amizade de todas as pessoas que fazem parte da minha vida. Todas fazem de mim uma pessoa melhor, com mais experiências vividas e histórias para contar.

Aos professores e professoras que me mostraram diferentes lentes para olhar um mesmo objeto ou recorte da realidade social. Este agradecimento se estende à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que pelos anos que fiz parte de seu corpo docente pude observar os movimentos para incluir “o diferente” – negro(a)s, indígenas e oriundo(a)s das escolas públicas.

Aos voluntários e voluntárias do Projeto Cozinheiros do Bem – *Food Fighters*, que me proporcionaram muitos momentos de aprendizado no trato com as pessoas que estão em situação de rua, reforçando sempre o sentimento de que somos todos e todas o mesmo: seres humanos.

A todas as pessoas em situação de rua que conheci na fila do almoço dos Cozinheiros do Bem, que tive o privilégio de conhecer e fazer parte de suas vidas. O tempo que estivemos juntos não importa em quantidade, mas em qualidade, ainda que tenham sido alguns encontros, suas histórias estarão sempre comigo.

Gratidão a todos e todas!

RESUMO

Pesquisa etnográfica realizada a partir do contato com pessoas em situação de rua na cidade de Porto Alegre/RS, tendo como objetivo observar e escutar o que contam em relação ao que comem, onde comem e quando comem. O campo se delimitou numa ação social promovida pelo Projeto Cozinheiros do Bem, que serve almoço aos sábados sob o Viaduto da Conceição para a população que “mora” sob o viaduto e para outras pessoas em condição de rua que vão chegando para o almoço. Entre as histórias ouvidas ao longo da interação neste campo, que durou três meses, cinco personagens são apresentados para ilustrar um pouco sobre seus desafios diários, suas histórias de vida, que nos contam não só sobre o que comem, mas sobre seus sentimentos, suas perdas e seus medos. O contato mais próximo com estes/as personagens permitiu, à esta pesquisadora, reflexões sobre o que é ser humano, sobre a “insustentável leveza do ser”.

Palavras-chave: Alimentação. Pessoas em situação de rua. Histórias de vida.

ABSTRACT

Work done from contact with street people in the city of Porto Alegre / RS, aiming to observe and listen to what they tell in relation to what they eat, where they eat and when they eat. The field was delimited in a social action promoted by the Cooks of the Good Project, which serves lunch every Saturday under the Viaduct of the Conception for the population that “lives” under the viaduct and for other people in street condition that are arriving for lunch. Among the stories heard throughout the three-month interaction in this field, five characters are presented to illustrate a bit about their daily challenges, their life stories, which tell us not only about what they eat but about their feelings, their losses and their fears. The closer contact with these characters allowed this researcher to reflect on what it is to be human, about the “unsustainable lightness of being”.

Keywords: Alimentation. Street people. Life stories.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – HOMEM DORMINDO SOB O VIADUTO DA CONCEIÇÃO	12
IMAGEM 2 – CAMISETA DO PROJETO COZINHEIROS DO BEM	22
IMAGEM 3 – ESPAÇO ONDE SE ORGANIZA A “COZINHA”	25
IMAGEM 4 – MESAS MONTADAS	25
IMAGEM 5 – PANELAS NO FOGO	26
IMAGEM 6 – A FILA CRESCE	26
IMAGEM 7 – A TURMA DO VIVER DE RIR COM AS CRIANÇAS.....	26

SUMÁRIO

1	CAMINHOS ALIMENTARES DE QUEM VIVE NAS RUAS DE PORTO ALEGRE	10
2	ORGANIZANDO O ROTEIRO PARA O CONTATO COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	13
2.1	UM POUCO SOBRE O PROJETO COZINHEIROS DO BEM – <i>FOOD FIGHTERS</i>	14
3	ELEMENTOS PARA OBSERVAR NO CAMPO (PREPARAÇÃO PARA IR A CAMPO)	16
4	O CAMPO E COMO CONTAR O QUE SE VIU E SE OUVIU	19
5	SERES INVISÍVEIS = SERES HUMANOS	27
5.1	AQUELE QUE VEIO DA TERRA DOS DOCES	27
5.2	AQUELE QUE QUERIA IR PARA PELOTAS	29
5.3	AQUELA QUE CRESCERU “NA RUA”	31
5.4	AQUELA QUE TEM CASA	33
5.5	AQUELE QUE ESTAVA FAZENDO “ANIVERSÁRIO DE RUA”	35
6	APÓS O CAMPO	39
	REFERÊNCIAS	46

1 CAMINHOS ALIMENTARES DE QUEM VIVE NAS RUAS DE PORTO ALEGRE

Quem dorme e acorda nas ruas não tem um teto que o abrigue das intempéries do tempo, não tem um espaço para a higiene pessoal, não sabe o que terá para saciar sua fome ou mesmo quando terá. Ao pensar na situação de quem vive nas ruas, a noção de dificuldade vem à mente.

Parece, ao expectador, que entre as dificuldades de quem vive na rua, aquela que mais se destaca é a de não ter o que comer, talvez pelo fato de que é mais recorrente vermos estas pessoas pedindo algo para comer ou uma moeda para comprar um lanche do que pedindo outra coisa. A dificuldade de dispor de alimentos pode afetar de diferentes maneiras as pessoas que vivem na rua. Quem está fora da situação da rua imagina que é comum a falta do que comer, no entanto pouco se pensa a respeito das consequências desta falta e como individualmente cada um a sente.

Uma breve observação de algumas pessoas que vivem na rua chama atenção para o fato de que normalmente quando alguém lhes dá algo para comer, quem dá não sabe e talvez não se questione se quem recebe o alimento tem alguma restrição sobre o que comer. Parece que viver na rua “impede” que o indivíduo tenha peculiaridades alimentares, porém, o fato de um indivíduo viver na rua não o abstém de ter alguma alergia alimentar ou mesmo de ter preferências alimentares.

Efetuada uma busca por artigos, na esfera do campo acadêmico,¹ que tratem sobre pessoas que vivem na rua e sua alimentação, não foram obtidos resultados que cooperem para esta discussão, mas foram encontrados 43 trabalhos quando a busca foi feita somente com os termos “moradores de rua”. Já uma busca no Google² trouxe reportagens diversas sobre moradores de rua e muitos artigos, porém a quase totalidade deles não tratava sobre alimentação de pessoas em situação de rua a partir da perspectiva dessas pessoas, o que demonstra uma escassez de estudos sobre esse assunto. Entre os artigos encontrados, os temas tratavam de questões nutricionais, da saúde e de políticas públicas. Entre esses artigos, um se destacou ao

¹ A pesquisa feita na Scielo, com os termos “moradores de rua + alimentação + pesquisa / moradores de rua + alimentação” não encontrou ocorrências. Com os termos “moradores de rua” foram encontrados 43 trabalhos.

² A pesquisa feita no Google com os termos “moradores de rua + alimentação + pesquisa” resultou em mais de 6 mil ocorrências.

fazer uma revisão bibliográfica sobre a alimentação da população em situação de rua, visando abordar as seguintes questões: onde, como e do que se alimentam. O artigo se intitula “Condições de alimentação da população em situação de rua” e tem quatro autores: Adriano Corumba Alexandre, Ana Alice Ribeiro do Nascimento, Lucas Dias de Souza e Mariana Regina Ferrareze (2015). Por se tratar de um trabalho com foco na revisão da literatura sobre o tema num arco de 10 anos (de 2005 a 2015), não apresenta relatos de pessoas em situação de rua sobre sua alimentação, mas destaca que há poucas publicações acadêmicas que tratam sobre a alimentação da população de rua.

Considerando que esta etnografia tem como objetivo o contato com pessoas em situação de rua na cidade de Porto Alegre para saber sobre suas práticas e gostos alimentares através da escuta de seus relatos de vida, um estudo que figurou na busca por referências bibliográficas foi o trabalho de pesquisa realizado sob a coordenação dos professores Patrice Schuch e Ivaldo Gehlen. A pesquisa realizada por estes professores e sua equipe apresenta várias informações sobre população de rua de Porto Alegre, reunidas em uma série de artigos organizados e publicados no livro *População de rua: políticas públicas, práticas e vivências* (SCHUCH; GEHLEN; SANTOS, 2017). Neste livro há dados referentes a pesquisas anteriores (de 2007 e 2011) colocados em comparação aos dados de 2016 que tratam do número de pessoas em situação de rua, das atividades remuneradas que realizam, de que cidade se originam, tempo de rua, motivações para terem ido para a rua e da renda mensal, entre outras informações.

Apesar não se referir especificamente sobre a alimentação de pessoas em situação de rua, como no caso do artigo citado anteriormente, é interessante que neste livro também se fala sobre a pouca produção de estudos sobre a população de rua, conforme coloca Meirelles, em um dos capítulos:

[...] a temática da população em situação de rua não é algo novo, mas seu estudo, sim, é recente e só começou a ganhar visibilidade há alguns anos atrás impulsionados pela necessidade de proposição de políticas públicas para atendimento as suas demandas (MEIRELLES, 2017, p. 13).

No que diz respeito especificamente à alimentação desta população, outro capítulo aponta que ela se realiza no Restaurante Popular, em locais de distribuição de refeições, igrejas, centros espíritas, terreiros, doações em residências ou

restaurantes (GEHLEN et al., 2017, p. 36), mas também não traz relatos das pessoas que se encontram na condição de rua sobre a alimentação delas.

Diariamente vemos pessoas em condição de rua, nas sinaleiras, nos parques, nas praças e em espaços que permitem um mínimo abrigo do tempo, como no caso das pessoas que vivem sob viadutos, mas poucas vezes falamos com elas. Diante dessa realidade, o processo de contato com quem vive nas ruas de Porto Alegre, para melhor observar e escutar o que contam em relação ao que comem, onde comem e quando comem, foi construído de forma lenta e gradual, sendo o diálogo estabelecido fundamental na realização deste trabalho. Responder essas questões e ver as possibilidades de escolha do que comer para quem vive nas ruas é uma tarefa que só pode ser feita a partir de um diálogo com pessoas que vivem essa realidade. Cada momento de conversa foi se estabelecendo a partir da abertura demonstrada pelo/a entrevistado/a, sendo que as abordagens nunca foram realizadas enquanto estavam em seus locais de dormir, pois seria falta de educação acordá-los/as.

Imagem 1 – Homem dormindo sob o Viaduto da Conceição



Fonte: Acervo pessoal da autora.

2 ORGANIZANDO O ROTEIRO PARA O CONTATO COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

A primeira estratégia foi falar com um dos vendedores do jornal Boca de Rua,³ para iniciar uma parceria. No entanto, depois de uma conversa, o vendedor nunca mais apareceu no local habitual onde vendia seus jornais. Embora não se saiba o que aconteceu com ele, ao ler alguns exemplares do Boca de Rua é possível pensar que o seu sumiço esteja relacionado com sua condição de morador de rua. Na edição n. 41, há um destaque para os perigos na cidade, ressaltando que:

O morador de rua tem uma convivência mais próxima do meio ambiente do que quem mora em casa. No entanto – ou por isso mesmo – é o que mais sofre, pois a cidade oferece uma série de perigos: clima (frio, umidade) poluição (gás carbônico dos carros, lixo) e violência urbana (trânsito e criminalidade). O frio gera as gripes e as doenças pulmonares. A poluição causa dores de cabeça, ardência nos olhos, problemas de pele e enjoos. A violência – que não deixa de ser resultado do desequilíbrio do meio ambiente – causa o medo e ferimentos (BOCA DE RUA, 2011b, p. 4).

A ausência de contato com o vendedor deixou a busca pela aproximação com moradores de rua numa posição de espera, pois não se havia pensado em outros caminhos. Felizmente, em uma aula da disciplina de Projeto de TCC, cujo propósito era apresentar o que se pretendia pesquisar, colegas deram sugestões de lugares onde ir e também foi obtido o telefone de alguém que trabalhava com o jornal Boca de Rua. Ao entrar em contato por telefone com a pessoa recomendada, obteve-se a indicação de um caminho que facilitaria conhecer pessoalmente algumas pessoas que vivem na rua e também pessoas que trabalham com ações para alimentação de moradores de rua.

O caminho proposto passava por um restaurante chamado Germina, que tem uma relação comercial bem diferente com seus consumidores. Lá a pessoa paga o que considera justo com o seu bolso, assim, é possível pagar por um almoço R\$ 1,00 ou mesmo comer gratuitamente. De lá, nos foi proposto “descobrir” pelo caminho os “sopões” servidos em Porto Alegre, e foi sugerido não deixar de fora da rota a Ocupação Aldeia Zumbi dos Palmares, que, pelo relato escutado, é uma ocupação totalmente organizada por quem vive nas ruas.

³ Jornal onde “todo o conteúdo publicado, textos, entrevistas, reportagens, opinião e até mesmo as fotografias são obra dos moradores de rua” (JORNAL EXTRA CLASSE, 2001).

Foi-se em busca do contato com o restaurante Germina, mas o responsável indicou que estavam com muitas ações e no momento não era possível atender mais uma demanda. Para continuar com a busca pensou-se pesquisar onde eram servidos os sopões e depois ir na Ocupação Zumbi dos Palmares. Porém, ir em vários lugares foi minando a energia para realmente ir a campo. Felizmente alguém enviou uma reportagem sobre um projeto específico que serve comida em alguns pontos de Porto Alegre, os Cozinheiros do Bem – *Food Fighters*. A partir da leitura da reportagem, uma nova estratégia foi adotada – focar neste projeto, pois com o tempo disponível para realizar o campo e produzir o texto não seria viável cobrir muitos espaços.

Assim, feito o contato telefônico (WhatsApp) com uma das pessoas responsáveis pelo projeto, definiu-se que o dia no qual seriam feitas as observações junto aos “clientes”⁴ dos Cozinheiros do Bem seria aos sábados. Outras possibilidades de dias seriam terça, quinta e domingo, no entanto o sábado era o dia mais livre para dedicação ao campo. Alguns detalhes foram acertados, como indicação do local da ação aos sábados, que é sob o Viaduto da Conceição, na Avenida Alberto Bins, e do horário para chegada, em torno das 10h, pois nesse horário já haveria alguém do projeto no local.

Local, dia e horário para realização do campo definidos. Perguntas orientadoras do trabalho definidas. Todo sábado (exceto 2), de 1 de setembro a 1 de dezembro de 2018, o destino é o Viaduto da Conceição e o trabalho principal é ouvir o que quem está na fila de espera do almoço destinado à população em situação de rua tem a dizer sobre sua alimentação: O que come? Quando come? Onde come?

2.1 UM POUCO SOBRE O PROJETO COZINHEIROS DO BEM – *FOOD FIGHTERS*

O projeto foi criado em 2015 pelo chef de cozinha Julio Ritta, com a proposta de levar amor através do alimento para pessoas em situação de rua. Trata-se de um grupo sem vínculo com partido político ou instituição religiosa, o que dá forma a um coletivo que une pessoas de todas as crenças, de todas as cores, de variadas idades

⁴ Cliente é uma das formas de tratamento dirigida às pessoas que são servidas pelo Projeto Cozinheiros do Bem. Na hora de organização para servir as pessoas, o organizador nunca fala “vamos servir os moradores de rua”, pois ele fala “vamos servir os nossos clientes” ou “nossos assistidos”.

e ideias, voltado para o exercício da filantropia. Segundo o Julio, o projeto acontece graças a cada voluntário e voluntária, que hoje conta com mais de 500 pessoas envolvidas. Além dos/as voluntários/as, há também as madrinhas e padrinhos do projeto, que fazem doações tanto de dinheiro quanto de alimentos e utensílios. Recentemente, o projeto ganhou uma churrasqueira da La Fogatta, empresa que fabrica churrasqueiras/parrillas.

Durante a semana o grupo realiza ações de distribuição de comida em cinco locais de Porto Alegre: Largo Zumbi dos Palmares, Arena do Grêmio, Viaduto da Conceição, Viaduto Dom Pedro I e Viaduto Obirici. Para coordenar as ações em cada um dos locais indicados foram criados grupos no WhatsApp. Através dos grupos são organizados os cardápios, a coleta das doações de alimentos e o que cada voluntário/a irá levar para compor o cardápio do dia.

Atualmente, a sede fica na avenida Cristóvão Colombo, n. 51; sua proximidade com o Viaduto da Conceição facilita com que os/as voluntários/as que atuam neste local ajudem no carregamento da Kombi, veículo do projeto utilizado no transporte de utensílios e alimentos para as ações, pois após o carregamento podem se deslocar a pé até o local da ação.

Se por um lado a missão deste grupo é servir uma comida gostosa para as pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social, entregando junto com cada marmitta um sorriso carinhoso, um abraço com muito amor, por outro há os desafios práticos, que hoje podem ser representados pela busca de uma sede própria e um novo veículo do projeto, pois o veículo atual, a Kombi, sente não só os anos, mas o peso que carrega, o que muitas vezes faz com que ela acabe precisando ir para a oficina. Neste ano foram realizadas tentativas de arrecadação de recursos para um novo veículo, com a venda de uma rifa e com uma “vaquinha” online, mas não foi arrecadado o valor necessário, adiando para 2019 os planos para troca do veículo e também para conseguir uma sede própria.

O financiamento das ações, o pagamento do aluguel da atual sede e de outras despesas do projeto é mantido, além das doações das madrinhas e dos padrinhos, com a mensalidade paga pelos/as voluntários/as (R\$ 25,00 por mês) e com a venda de produtos do projeto, como camisetas e *botons*.

3 ELEMENTOS PARA OBSERVAR NO CAMPO (PREPARAÇÃO PARA IR A CAMPO)

Antes de ir a campo para encontrar as pessoas que nele se pensa encontrar, é preciso considerar alguns elementos necessários para a observação e interação que se desenrolarão no decorrer do trabalho. Define-se aqui o uso do método etnográfico, considerando que:

[...] o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. (MAGNANI, 2002, p. 7).

Neste sentido, entende-se que todos os recursos e técnicas utilizadas por quem pesquisa servem para promover o acercamento e apreensão daquilo que se está buscando investigar e compreender. Ou seja, toda leitura realizada, seja de teoria ou de conhecimentos e informações já produzidas sobre a população em situação de rua e sua alimentação auxiliam nesse acercamento, ou seja, numa prévia aproximação dessa população. Já toda a interação com integrantes dessa população a partir do trabalho de campo permite uma apreensão do real que será pensada a partir da leitura realizada anteriormente, tendo ao final uma escrita “etnográfica” que poderá contrapor ou não o acercamento produzido pela leitura e o que foi apreendido no campo, pois a partir da atenção que se dá aos detalhes “em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento” (MAGNANI, 2002, p. 7).

Na leitura, privilegiou-se a busca de matérias sobre alimentação de pessoas em situação de rua em alguns exemplares do Boca de Rua, disponibilizados virtualmente. Num deles havia relato sobre o alimento recebido de uma senhora que ganhou o apelido de “madrinha”, mas neste relato “o morador de rua acabou sendo abordado violentamente pela polícia” (BOCA DE RUA, 2011c, p. 3). Na edição n. 38, a capa traz a manchete: Sobra comida. A matéria fala sobre a Ceasa e como lá é um local de fartura, com muitas caixas de frutas, legumes e verduras, fazendo com que o repórter diga que “não dá para imaginar que alguém passe fome no mundo quando se vai lá” (BOCA DE RUA, 2011a, p. 2). Em outra edição encontramos uma matéria sobre o fechamento do Restaurante Popular em junho de 2013, deixando o seu

público sem a opção de uma alimentação economicamente mais acessível (BOCA DE RUA, 2014, p. 8). Nessa mesma edição há uma reportagem sobre os abrigos e albergues de Porto Alegre, apontando problemas e limitações desses espaços no atendimento de pessoas que buscam os serviços oferecidos. Sobre alimentação nestes espaços há um trecho que diz:

A comida é sempre pouca para quem come uma única vez por dia, como acontece com a maioria dos moradores de rua, que agora nem com o Restaurante Popular podem contar, porque está fechado há mais de ano [...]. Não tem repetição e é muito raro ter uma fruta ou um suco, salada ou verdura (BOCA DE RUA, 2014, p. 2).

Só a leitura do jornal Boca de Rua já nos coloca diante de um mundo vivido e sentido apenas por aqueles que não possuem casa, que ficam buscando se salvaguardar do tempo e de ações que a sociedade permite existir contra eles, como o mau uso da força da polícia ou de agressões físicas promovidas por grupos anônimos. Mas no que diz respeito à alimentação, a busca por ela, as escolhas do que comer, quando comer, onde comer, há pouco material. Desta forma, o trabalho de campo é imprescindível para estabelecer um contato com estas pessoas para conversar e principalmente ouvi-las para compreender que “estratégias” são adotadas por quem vive na rua em sua jornada diária na busca do que comer.

A atuação no campo se orienta por uma forma de olhar (ver) e de escutar (ouvir) que:

[...] impõe ao pesquisador ou à pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 9).

Uma vez que se “entra no campo”, sendo uma presença estranha nele ao mesmo tempo em que é permitida, busca-se o diálogo com as pessoas, conhecer sobre elas, ouvir suas falas, estar com elas para apreender nessa interação quem elas são. O/A pesquisador/a estando descentrado/a da própria cultura está imbuído/a de disposição para conhecer/descobrir um Outro, onde “esta descoberta sobre o Outro, é uma relação dialética que implica em uma sistemática reciprocidade cognitiva entre o(a) pesquisador(a) e os sujeitos pesquisados” (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 11).

O campo é o local onde as perguntas – entrevista livre – elaboradas pelo/a pesquisador/a são colocadas à prova, no sentido de que elas podem ser úteis ou não,

pois o campo é “soberano”, ele não se submete a elaborações prévias, estas servem para não se chegar “cru”, mas é o campo que de fato apresenta a população que se quer estudar, as interações entre as pessoas e principalmente a interação delas com o/a pesquisador/a.

4 O CAMPO E COMO CONTAR O QUE SE VIU E SE OUVIU

As observações no espaço sob o Viaduto da Conceição começaram num sábado chuvoso, era primeiro de setembro de 2018. Este viaduto é bastante movimentado, pois nele funciona um terminal de transporte coletivo, com chegadas e partidas de ônibus para as cidades de Alvorada, Canoas, Esteio, Sapucaia, São Leopoldo e Novo Hamburgo. Além disso, tem o movimento da Avenida Alberto Bins, por onde passam muitos veículos em direção ao centro de Porto Alegre. Há pouco espaço disponível para organizar a “cozinha” e menos ainda para organizar mesas com cadeiras para as pessoas poderem sentar para almoçar. Há lojas, bancas de revistas e sanitário sob o viaduto.

Ao chegar no local combinado, poucas pessoas da equipe dos Cozinheiros do Bem estavam presentes, assim me apresentei ao pequeno grupo que estava no espaço onde a cozinha – fogão, mesa, bancada e despensa com os alimentos e utensílios de cozinha – é montada. Também já havia algumas pessoas aguardando a hora da distribuição das marmitas, elas se organizavam em fila. Era perto das 10h15, já era para ter mais material, mas relataram que na noite anterior haviam feito uma feijoada para arrecadação de fundos, e que por isso estavam um pouco atrasados para a chegada do fogão, panelas, gás e todos os apetrechos necessários para servir o pessoal. Enquanto esperávamos, a chuva dificultava a busca dos cavaletes e tampos para armar as mesas onde parte da comida é preparada (saladas verdes, maionese, pães, sobremesa e o que mais não necessitar ser preparado no fogão). Nestas mesas também são servidas as marmitas, sobremesas e sucos. Conforme o tempo ia passando, a fila ia se estendendo nos espaços embaixo do viaduto, que abrigavam da chuva. Um dos clientes manifestou preocupação com o fato de ainda não estarem as mesas prontas, e se ofereceu para ajudar a carregar o material que fica nas dependências do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) do outro lado da rua. Disse ele: “Quem quer comer tem que ajudar”.

Foram, ele e mais duas voluntárias, buscar o material. Pegaram os cavaletes e um conjunto de tábuas que serve de tampo para uma das mesas, logo mais uns três voluntários foram ajudar e concluíram o transporte rapidamente. Após terminarem de

carregar tudo, as mesas foram montadas, um TNT⁵ verde foi usado como toalha para cobrir a mesa e foram organizando os alimentos sobre a mesa. Havia sacos de saladas já higienizadas, punhados de batatas cozidas, alguns baldes de feijão pronto, outros com arroz cozido, outro com massa e um com proteína de soja preparada. Pensaram iniciar o descasque das batatas, mas não havia faca, então uma voluntária pediu emprestada num dos bares que tem ali por perto. Conseguiu três facas e então começaram a descascar as batatas, mas logo alguém lembrou que era para esperar as luvas e toucas, pois é preciso ter cuidado com a higiene para não contaminar os alimentos.

Finalmente uma Kombi branca chegou trazendo o material, distribuíram as toucas e as luvas para seguirem os “protocolos” de higiene, evitando o contato direto com os alimentos. Rapidamente as pessoas voluntárias estavam com luvas e toucas, e logo as batatas estavam todas descascadas e picadas dentro de duas bacias grandes, alguém chegou com um punhado de ovos cozidos, ainda mornos, tiraram a casca e como já era meio dia, optaram por esmagar os ovos com as mãos, pois picar demoraria mais tempo. Ao esmagar os ovos eles ficaram esfarelados e foram misturados com as batatas, temperaram com sal, azeite e a salada de batata ficou pronta. Enquanto a parte das saladas estava sendo concluída, o pessoal do fogão também estava esquentando o arroz, o feijão e fazendo um guisado com legumes cozidos. Neste dia houve o reforço de duas panelas grandes de feijoada, pois o pessoal deixou pronto da noite anterior. Comida pronta ou aquecida nas panelas, era hora de servir, e a fila já estava longe, se estendendo por onde a água não batia.

Antes de servir as marmitas, todos os voluntários e voluntárias foram chamados para formar uma roda e receber orientação de como seria a organização para que tudo ocorresse da melhor forma possível: os mais experientes servem as marmitas e os mais novos vão passando a marmita adiante, a cada panela ou bacia com alimento colocadas na mesa duas pessoas acompanham, ficando de frente uma para outra ao redor da panela/bacia, a pessoa novata segura a marmita e a pessoa experiente serve, passa-se a marmita para que o próximo alimento seja servido até chegar ao final e ser entregue em mãos para o/a cliente. Junto com a marmita é entregue um copo de suco e uma sobremesa (fruta, chocolate, gelatina, etc.).

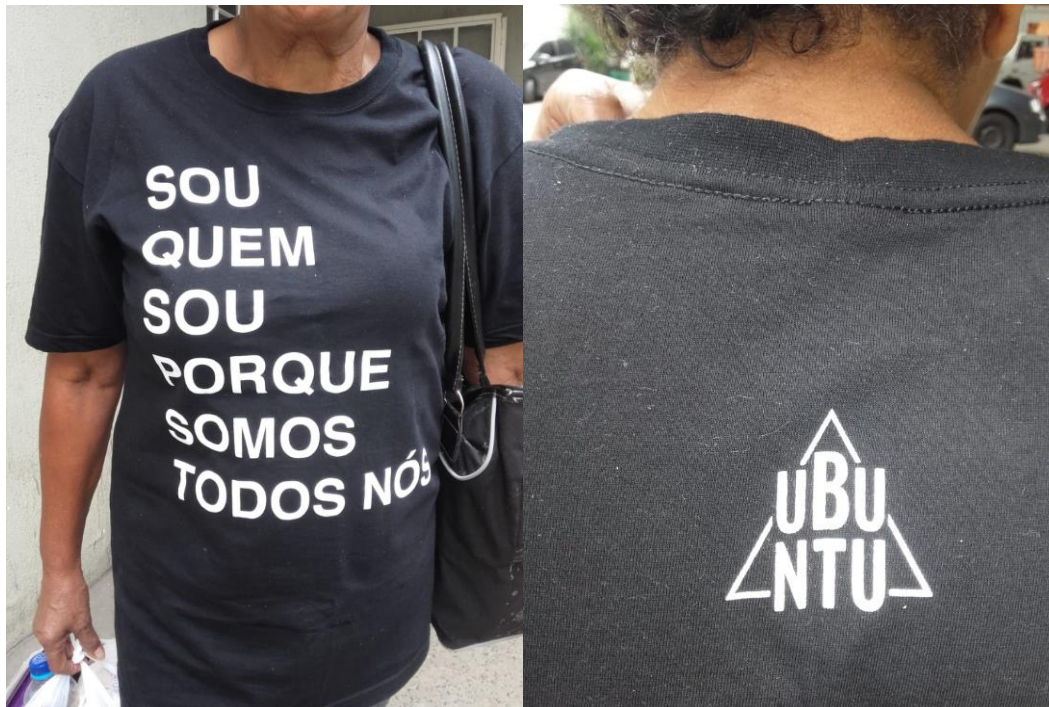
⁵ TNT (sigla para tecido não tecido, por sua produção não envolver os métodos comuns de tecelagem, fiação ou malharia) é um tecido utilizado, entre outras coisas, para decoração de ambientes (WIKIPEDIA, 2010a).

Neste primeiro dia, a observação e acompanhamento foi mais diretamente na preparação do alimento, do início ao fim, e depois na hora de servir. Somente após toda a comida ser servida que a observação foi direcionada para as pessoas que haviam recebido suas marmitas e iam sentar nas calçadas ou no meio fio da rua para comer, algumas pessoas optavam por comer em pé mesmo. Ao final da ação, quando tudo estava sendo recolhido e guardado para a próxima ação, encontrei o cliente ajudante, ele começou a falar que acreditava em Deus e que aqui (na terra) era só uma passagem, que nossa “casa” é em outro lugar, e quando voltarmos para “casa” não precisaremos mais passar por isso. Perguntei a ele como seria. Ele respondeu que lá somos todos iguais, não há mais essa separação que há aqui, não há morador de rua, todos têm seu lugar. Falou ainda que o alimento que servimos ali é uma forma de nos aproximarmos de Deus, e que ele ajudando era uma forma dele contribuir também.

Todo sábado o processo se repete, chegar sob o viaduto, buscar cavaletes e tampos para as mesas, organizar o material trazido pela Kombi, montar o fogão, descascar batatas, picar tudo que for para picar e preparar tudo que for para servir aos/às clientes. Além disso, há outros elementos presentes todo sábado. Sempre tem pelo menos um segurança que ajuda na organização da fila para que não fiquem “furando” ou para intervir em pequenas brigas, que às vezes acontecem. Também há participação do *Projeto Viver de rir*, que cuida da animação das pessoas nas filas, providencia brincadeiras com as crianças e levanta o astral das pessoas envolvidas na ação. E sempre, antes da distribuição das marmitas, todos os voluntários e voluntárias são chamados para uma rápida fala do idealizador⁶ dos Cozinheiros do Bem, que fala de forma “firme” e com muita emoção da importância da ação para quem está na fila esperando pela comida. Ele pergunta quem está ali pela primeira vez e orienta como é servida a comida até o momento de entregar a marmita na mão de cada cliente. Na sua oratória nunca falta a explicação de um dos lemas que orienta cada ação do grupo, que é *Ubuntu*: sou quem sou porque somos todos nós. Este lema figura numa das camisetas utilizadas pelos/as voluntários/as dos Cozinheiros do Bem, conforme imagem abaixo:

⁶ Julio Ritta é o idealizador do Projeto Cozinheiros do Bem – *Food Fighters*. Ele se inspirou num *flashmob* de mil músicos tocando Foo Fighters para chamar atenção da banda. A partir da inspiração, fez uma convocação chamando “a galera” para ajudar quem precisa. Isso foi em 2015, não juntou mil cozinheiros, mas de lá para cá já passaram três anos e o projeto segue ativo, com o apoio de voluntários e voluntárias (BRAÇOS ABERTOS, 2016).

Imagem 2 – Camiseta do Projeto Cozinheiros do Bem



Fonte: Acervo pessoal da autora.

As falas do Julio são, a meu ver, carregadas de emoção, de amor, de reconhecimento das vidas de quem está vivendo nas ruas e do compromisso em dar o melhor de si para todos que estão sob o viaduto esperando para “receber não só um prato de comida, mas também carinho, atenção, um abraço, uma palavra”. Entre suas falas destaco abaixo mais algumas:

- A partir de agora tudo de ruim fica pra trás, aqui agora é só amor, só carinho. Para estar aqui é preciso estar bem, se tá mal, fica em casa, se cuida, melhora, porque aqui tem que estar bem para dar o melhor para este pessoal.
- No dia que a gente vem aqui e distribui as marmitas estas pessoas não precisam catar comida na lata do lixo para se alimentar.
- Não dá pra ter paz enquanto tem gente sem ter o que comer, sem ter onde morar, por isso estamos aqui, para tentar de alguma forma diminuir o sofrimento. Sem política, sem religião, só filantropia, que é na essência da palavra ter amor pela humanidade.

São muitas as suas falas, e sempre há quem se emocione, mesmo que algum desavisado olhe a figura do Julio, à primeira vista, o escute falando com “firmeza”, e

confunda com dureza. Mas quem acompanha a ação e está envolvido com o projeto reconhece que é só amor. Teve até um momento que houve comentários sobre isso, uma voluntária disse que “o amor não é ‘mimimi’ e só ficar ‘alisando’, amor é força, é dar direção e é dar uns ‘sacodes’ quando se faz necessário”. Outra voluntária falou que “amor é cuidado, e esse cuidado pode exigir uma postura firme, tipo um pai que repreende o filho quando este faz algo errado”.

É neste cenário, onde a ação dos Cozinheiros do Bem se repete todo sábado, entre 10h e 14h, sob o Viaduto da Conceição, que se delimita o campo no qual se coloca a questão inicial do trabalho – sobre a alimentação de pessoas em situação de rua – e a questão que se apresentou a partir das interações com as pessoas a cada ida ao campo – o que falam estas pessoas sobre elas mesmas, seja sobre comida, sobre roupas, sobre suas vidas, sobre necessidade, sobre o que quer que seja (no sentido de que o falar parece ter para aquelas pessoas o peso do reconhecimento de suas existências, pois muitas falavam que alguém parar para falar com elas era algo raro, “não tem isso”, “nós somos tratados que nem lixo”), pois o falar delas trazia muitas coisas para quem está do lado de cá – fora da rua – parar para pensar e repensar a própria vida e a vida de outras pessoas.

Nas interações com as pessoas em condição de rua, muitos foram os personagens encontrados, diferentes histórias foram escutadas, muitas lágrimas derramadas, e para apresentar um pouco do que foi vivenciado adotou-se neste trabalho o relato de histórias de vida, tendo o cuidado de entender que aqui o relato não pretende argumentar que se está contando a história inteira e linear de cada um dos personagens, mas uma parte de sua história, alguns fragmentos. Sobre isso, cabe destacar a crítica de Bourdieu sobre o relato de vida ou história de vida, pois na relação entre o/a investigado/a e o/a investigador/a se desenvolve uma cumplicidade a partir do interesse comum na contação de determinada história, o que faz com que o relato seja encadeado de acontecimentos lineares que ao fim dão sentido ao objetivo acordado entre as partes (BOURDIEU, 1996, p. 184-185).

Se por um lado é preciso lidar com as limitações apontadas por Bourdieu sobre o uso de relatos de histórias em função da cumplicidade criada na interação entre pesquisado/a e pesquisador/a, por outro há que se considerar também que neste trabalho há limitações pelas condições que às vezes se encontra quem conta a história (embriaguez, drogadição, sonolência e a própria fome). Tais condições podem afetar a capacidade de rememorar os fatos ao longo do tempo por quem conta, sendo a

capacidade de memorização limitada também para quem escuta. No entanto, considera-se relevante o uso das histórias de vida neste estudo, considerando que Bourdieu coloca o relato de vida como algo que se aproxima do modelo oficial da apresentação oficial de si (BOURDIEU, 1996, p. 188), o que só o nome não realiza, pois o nome não fala, não apresenta, mas o relato sim.

A partir da escuta de diferentes experiências, foram escolhidas algumas histórias de vida para compor este estudo, são apresentados alguns personagens. A escolha buscou apresentar histórias de homens e mulheres que apresentaram em suas falas elementos que permitiam saber um pouco sobre como a alimentação deles e delas ocorria estando em condição de rua. Considerando a limitação de tempo de um trabalho de conclusão de curso, foram selecionadas cinco histórias que foram coletadas ao longo das observações no campo e da interação com estas pessoas, através do recurso de entrevista livre, considerando que:

[...] as relações de reciprocidade, mesmo que oscilantes em dias de pesquisa ditos mais produtivos e outros permeados de dificuldades de toda ordem (o informante que “deu bolo”, a desconfiança de um entrevistado sobre a fidelidade de suas concepções, etc.), são construídas em situações de entrevistas livres, abertas, semi-guiadas, repletas de trocas mútuas de conhecimento (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 17-18).

No intuito de proporcionar uma aproximação maior com o local onde se desenvolveu o trabalho, não deixando apenas o imaginário traçar o cenário, antes de passar para os/as personagens, seguem algumas imagens para ilustrar o campo.

Imagem 3 – Espaço onde se organiza a “cozinha”



Fonte: Acervo pessoal da autora

Imagem 4 – Mesas montadas



Fonte: Acervo pessoal da autora

Imagem 5 – Pannelas no fogo



Fonte: Acervo pessoal da autora

Imagem 6 – A fila cresce



Fonte: Acervo pessoal da autora

Imagem 7 – A turma do Viver de rir com as crianças



Fonte: Acervo pessoal da autora

5 SERES INVISÍVEIS = SERES HUMANOS

Quem passa pelo Viaduto da Conceição, ou por qualquer outro local onde tenham pessoas deitadas em colchões empoeirados ou em pedaços de papelão amontoados, o que pensa sobre as pessoas que ali vê? O senso comum leva a acreditar em três opções de respostas: a) “são tudo vagabundo”, não querem trabalhar; b) estão assim por que querem; c) só querem se drogar ou beber. Talvez poucos se perguntem o que levou alguém àquela condição de estar vivendo na rua. Mais de um dos entrevistados relataram que muitas vezes quem passa nem os olha, é como se não estivessem ali, como se fossem invisíveis. Para muitos, esse não olhar significa que as pessoas que por eles passam os veem como “lixo humano”.

Ao iniciar o processo de interação com os assistidos pelo Projeto Cozinheiros do Bem, buscando fazer perguntas sobre a alimentação deles, logo se identificou que era preciso manter o diálogo aberto, sem questões sequenciadas e sem querer forçar um roteiro. Percebeu-se que a potência de suas falas apontava para a riqueza das histórias pessoais que levou cada uma daquelas pessoas a estarem nas ruas. Não se abandonou o interesse em responder o que comem, quando e onde comem as pessoas em condição de rua, pelo contrário, foi possível identificar de que maneira o comer se realiza em suas vidas. No entanto, de modo geral, comer não é o maior desafio para quem não vive sob um teto, conforme veremos com nossos personagens.

5.1 AQUELE QUE VEIO DA TERRA DOS DOCES

Ele saiu de sua cidade ainda moço. Veio para Porto Alegre trabalhar e por muitos anos trabalhou com instalação de elevadores, trabalho que exigia muito do corpo, pois as peças eram pesadas. Deixou em Pelotas sua família, acabou se afastando, o tempo foi passando e agora já passou dos 50 anos, sua mãe e pai faleceram e ele nem pôde ir se despedir. O pouco contato que teve foi através de algum conhecido que vinha de Pelotas e ele encontrava por acaso. Foi num desses encontros ao acaso que soube do falecimento de sua mãe e ficou muito triste, mas já não podia fazer mais nada, já tinha passado o tempo. Com o pai “não tinha muito

apego”, mas era pai, então também sente pela morte, mas não tanto como sente pela morte da mãe.

Não casou, não teve filhos, foi ficando sozinho, e em algum momento “a vida foi ficando vazia” e ele foi parar na rua. Assim como muitos outros relatam, ele tem problema com o álcool, e isso dificulta a convivência dele com outras pessoas, principalmente com os familiares que restaram. Tem uma irmã e um irmão, mas não se dão, acha que por ter saído cedo de casa e em função do alcoolismo acabaram se distanciando, “são praticamente estranhos”, e também “são chatos”, incomodam ele por causa da bebida. Então ele prefere a distância, eles ficam lá em Pelotas e ele em Porto Alegre.

Sobre sua cidade ainda fala que não concorda com o que falam sobre Pelotas ser a cidade “dos bicha”. Disse que “o pessoal lá só é muito educado, antes os filhos das famílias ricas iam estudar fora”, mas diz que não tem nada a ver essa história de que lá só tem gays. Embora seja da terra dos doces não tem um doce preferido, mas lembra de sua avó fazendo doces, ele gostava muito dela e tem saudade daquele tempo. Ficou emocionado e se desculpou pelas lágrimas que “escaparam”. Ficou perceptível o quanto a memória de sua vó trouxe à tona sentimentos de um tempo passado, onde ele podia apreciar os doces preparados por ela e que agora já não podia mais ter acesso.

Num sábado ele chegou quase no final da ação, só havia salada e pão. Vendo a marmita dele com rúcula e alface, ofereci umas nozes e castanhas que tinha na bolsa, ele prontamente aceitou, disse que assim a comida ficava mais reforçada. Ele estava meio surpreso de não ter mais comida, achava que naquele horário, umas 13h40, ainda teria comida, mas que chegou e só conseguiu salada e pão. Falou que “talvez comesse no abrigo se ele fosse pra lá ou numa “senhorinha” que ele conhecia”. Contou que antes ele podia encontrar um grupo de rua, pois era mais comum pequenos grupos fazerem comida coletiva usando latões de 18 litros de milho ou de ervilha que eles encontravam vazios nas lixeiras. Eles limpavam os latões, juntavam umas lenhas, faziam o fogo, cada um contribuía com uma coisa e faziam uma comida para todos. Mas “hoje tá mais complicado, tem brigas, desentendimento por causa das drogas e daí são poucos que conseguem ficar juntos”. Disse que gostava de ir almoçar ali no viaduto não pela comida, pois comida ele conseguia, mas que ia pela confraternização, que gostava muito do grupo, das pessoas que estão sempre

sorrindo, que isso era o que motivava ele optar por ir almoçar lá, e lembrava um pouco de quando faziam comida em grupo.

Em relação a sua alimentação, comentou que durante a semana tem a opção de comer no restaurante popular, que foi reaberto após a reforma. Lá o almoço custa R\$ 1,00 e tem suco para acompanhar. Também tem café e janta quando vai para o albergue, mas não é sempre que vai, pois ele bebe e “lá não pode, eles não deixam”. O álcool traz muitos problemas para ele, não só por ser uma condição o “não beber” para poder ser recebido no albergue, mas também por questões de saúde, pois já foi diagnosticado com cirrose, às vezes precisa ser internado, mas no estágio que está não vê como possibilidade deixar de beber. Ele parece entender que a bebida não é algo bom para ele, mas ao mesmo tempo é algo que facilita ele lidar com a vida na rua, “um dia de cada vez”, e enfrentar a solidão, aquele vazio que sente.

5.2 AQUELE QUE QUERIA IR PARA PELOTAS

Natural de Ijuí, tem 29 anos, perdeu a mãe há alguns anos e foi traído pela esposa depois de estarem casados por cinco anos. Tem um filho com a ex-esposa, o menino tem cinco anos e mora em Pelotas. Sua desilusão amorosa “tirou o chão dele, perdeu a confiança”, ficou mal com o que aconteceu, não esperava ver a mulher dele com outro, depois disso começou a beber, segundo ele, bebe muito, faz mal a si mesmo, mas não faz mal para mais ninguém.

Ele diz que é punk rock, gosta de música *rock'n'roll* e quando consegue uma guitarra ou violão emprestado aproveita para tocar um pouco. Mas é meio difícil, as pessoas desconfiam se ele pede para tocar o instrumento e dão alguma desculpa para não deixar ele pegar a guitarra ou violão emprestado. Talvez por ser mais jovem do que o personagem anterior, tem uma percepção diferente sobre o acesso à alimentação para quem está na rua. Não parece considerar o acesso muito fácil, pois após ficar pensativo por um momento diz que “às vezes tem, às vezes não, mas que se vira”. Às vezes vai no restaurante popular, mas só quando tem o dinheiro para pagar. O dinheiro adquire com reciclagem de lata e plástico, entretanto nem sempre o dinheiro é suficiente, mas ele fica tranquilo, normalmente consegue “dar um jeito”

para comer alguma coisa. Contou que na praça do Colégio do Rosário tem uma geladeira coletiva para moradores de rua, e às vezes consegue algo lá para comer.

Para ele, na rua é difícil confiar em alguém, “o pessoal se conhece” ali debaixo do viaduto, dormem ali, mas não são amigos, só conhecidos, porque “na rua cada um vai para um lado, um dia tá num lugar e depois tá em outro”. Relata que a dificuldade de confiar nas pessoas ali é porque eles acabam roubando uns dos outros, “se a pessoa tá dormindo, alguém pode chegar e roubar as coisas”. É em função disso também que às vezes fica sem dinheiro para o restaurante. O pagamento da reciclagem é de tarde, após entregar o material coletado durante o dia, daí se é roubado durante a noite fica sem dinheiro para o almoço, pois não dá tempo de reciclar e vender até às 12h.

Numa ocasião, remexendo na sua comida, fala que come de tudo, exceto cebola, e logo mostra pequenos pedaços de cebola que ele separou da salada de batata. Seu desgosto com a cebola foi resultado de uma “brincadeira” que os tios fizeram com ele quando tinha uns sete anos. Fizeram ele beber uns dois canecos de vinho e depois deram uma cebola assada para ele comer, dizendo que era uma maçã. Ele mordeu a “maçã” e percebeu que não era o que esperava, descobriu que era cebola e desde então não come cebola “de jeito nenhum”. Refletiu sobre esta “brincadeira” dos tios e comentou que talvez venha desde lá seu problema com a bebida. Além disso, mostrou que estava com um copo de salada de frutas, mas queria trocar por um doce. Sua preferência pelo doce era em função de ter bebido e o doce “ajuda a quebrar o efeito do álcool”.

No momento, uma das coisas mais importantes para ele é ir visitar o filho. Já faz mais de três anos que não o vê, e ele quer muito ver como o menino está. Diz que sente muita saudade. Se emociona ao pensar no filho e diz que precisa ver o filho que tá crescendo e ele nem tá vendo. A última notícia que teve do filho foi quando encontrou um dos irmãos dele na rua – o irmão mora numa casa em Porto Alegre – e este lhe mostrou uma foto do filho dele no celular. “O guri tá ficando grande”, e demonstra com uma medição de distância entre o chão e sua mão. Contou que estava planejando ir vê-lo no seu aniversário de 30 anos, dia 4 de dezembro, falou que a caminhada até Pelotas leva uns dois ou três dias. A ida de ônibus talvez fosse possível, mas ele não sabia se conseguiria, tendo “vida de peregrino”, pode ser que só consiga ir caminhando mesmo. Uma outra possibilidade era a arrecadação do valor da passagem através de uma “vaquinha” para que ele pudesse ir de ônibus.

Os dias passaram e ele acabou não indo visitar o filho na data que queria. A dificuldade de comunicação dele com uma irmã que mora na Restinga, e depois desse contato não ter conseguido um telefone para se comunicar com sua ex-esposa o fizeram repensar sobre a viagem. Ele teve a passagem comprada, mas no dia do embarque desistiu, pois ficou com medo de chegar lá e a mãe do menino não deixar ele ficar na casa dela. Não sabia se ela estaria casada com outro, e se o outro aceitaria a presença dele. A insegurança da situação que poderia encontrar o impediu, pois ele já tinha se preparado, havia feito a barba, cortado o cabelo e as unhas, arrumado roupas e calçados limpos, estava pronto, só faltou a comunicação para não chegar lá “sem ser esperado”. Decidiu esperar para ver se consegue outra forma de contatar a ex-esposa, tentar encontrar o irmão dele novamente talvez. Havia preferido falar com a irmã, pois tem uma relação melhor com ela. Por enquanto, aguarda, pois “não é fácil chegar lá e não saber como é que vai ficar, e se tiver que voltar, como faz?”.

5.3 AQUELA QUE CRESCEU “NA RUA”

Ela tinha sete anos, a mãe já tinha morrido em consequência de um câncer, e o pai morreu pouco tempo depois num acidente de trem, sendo ele trabalhador do trem. Na falta dos pais, ficou indo de uma casa para outra. Sem ter parentes que quisessem ficar com ela definitivamente, logo se viu na rua. Cresceu, arrumou um companheiro, com quem teve três filhas. Viviam de reciclagem e tinham conseguido erguer um “barraco”. A filha mais velha conseguiu um emprego e arranhou um lugar para morar, casou e teve uma filha.

Por um tempo, ela, o marido e as duas filhas menores estavam seguindo a vida, até que um dia ela chegou e o barraco estava em chamas, suas filhas que ainda moravam com eles morreram queimadas. Ela ficou sem saber o que tinha acontecido, como o fogo tinha iniciado. Sua fala indica que suspeitou se alguém havia colocado fogo de propósito para que eles saíssem do local onde construíram o barraco. Mas não acredita que quisessem matar as crianças, pois comentou que “se foi alguém, não deve ter visto que as crianças estavam dormindo no barraco”. Acabou sendo internada por loucura, houve acusações de que ela teria enlouquecido e colocado fogo, o que ela nega. De tristeza acabou se separando do companheiro por um período, não deu

para continuar com ele logo depois da perda das filhas, mas depois de um tempo voltaram a conviver, e hoje moram num ferro velho, que fica na Vila do Churrasco.

Conta que estava esperando pelo “seu dia”, tinha recebido o diagnóstico de câncer, assim como sua mãe, então logo poderia morrer. Questionada sobre ter acompanhamento médico, respondeu que estava indo, mas que para quem está na rua é difícil seguir as recomendações, ter acesso aos remédios, falou que tinha que voltar para ver os resultados dos exames que fez e saber o que o médico ia recomendar fazer, mas que ela não estava muito preocupada “se fosse a hora dela”.

Sobre sua alimentação, contou que adotou como estratégia viver próxima a grupos, então ela se ofereceu para fazer a comida, cada pessoa arruma uma coisa, ela prepara o fogo e as “panelas”, que pode ser qualquer coisa resistente ao fogo para cozinhar os alimentos, como, por exemplo, latas de milho e ervilha, conforme havia falado outro personagem. Juntando um pouco do que cada um arrecada ela faz um misturado e todos comem. Relatou que numa manhã, estavam sem nada para o café, então foi até o Guaíba para passar uma água no rosto, se lavar, mas sentiu umas “bolinhas” redondinhas na ponta dos pés, um monte delas, colocou o braço dentro da água e pegou para ver o que era. Eram ovos. Pediu licença para as entidades das águas, “Iemanjá não, porque ela é do mar”, fez uma oração, agradeceu pelo “achado” e recolheu os ovos, levou para o acampamento e preparou um “super café” para todos. Meio risonha, piscou e disse que não falou nada para ninguém de onde eram os ovos, só disse que tinha conseguido uma “boa” para o café.

Sua maior preocupação nas ruas não é com a alimentação, mas com segurança. Certa noite parou um carro perto do grupo dela, desceu um homem que disse que era “empresário” – ela fez sinal de aspas com os dedos das mãos – entregou comida dentro de embalagens de marmitta para o grupo e logo foi embora. Ela começou a comer aquela comida quentinha, fazia frio naquela noite, era bom ter algo quente para comer e se aquecer, mas logo sentiu algo duro da boca, achou estranho e foi olhar, descobriu que era vidro. Gritou para todo mundo e avisou que não dava para comer, jogaram tudo fora. Assim, sua preocupação com a segurança não é só em relação à violência que estão sujeitos dormindo nas ruas, mas também por ações como a relatada sobre os vidros, o que a deixa desconfiada até quando alguém lhe dá comida, “pois vai saber se não vão colocar veneno na comida”.

Depois de algum tempo sumida, ela apareceu novamente, estava com sua neta. Estava muito preocupada com a menina, pois a mãe tinha perdido o emprego e

só conseguia “bico”, como entregar folhetos na rua, e isso não dava para cobrir custos de “aluguel, comida e tudo mais”. A neta estava ficando com ela no ferro velho, pois a mãe estava na casa de alguém, mas não podia levar a filha. Ela pediu para os voluntários verem se tinha roupa e calçado para a menina. Conseguiram algumas blusas, mas não conseguiram calçado. Ela estava muito preocupada com a situação da neta, pois não estava conseguindo estudar, a mãe estava sem emprego, sem casa, e isso deixa a menina sem ter uma residência fixa para organizar a ida na escola. Ficava repetindo que precisava ajudar a filha e a neta, olhava de um lado para o outro, parecia bastante ansiosa e preocupada com a situação. Assim, não foi possível perguntar sobre ela, como estava o cuidado da saúde, se foi ao médico ver os resultados dos exames, se estava em tratamento. O diálogo ficou mais em relação à neta, em possibilidades de trabalho para a mãe da menina enquanto olhávamos sacolas de roupas procurando algo para a menina.

5.4 AQUELA QUE TEM CASA

Moradora da Nova Chocolatão, ela tem cinco filhos. Carrega sempre com ela os três mais novos, um menino de seis anos e duas meninas, de dois e onze anos. Outra filha com 12 anos fica em casa para economizar o dinheiro da passagem. E a filha mais velha, de 15 anos, é casada e mora em outra casa com o marido. Ela trabalha no galpão de reciclagem que fica bem na entrada da Chocolatão, na av. Protásio Alves. A remuneração que recebe pelo trabalho no galpão não é suficiente para pagar tudo que precisam as quatro crianças. Ela recebe em torno de R\$ 600,00 mensais, assim seriam 120 reais mensais por pessoa, que a meu ver não são suficientes para dar conta de gastos com alimentação, água, luz, transporte e aluguel.

Ela fala que quando pode – tendo dinheiro para as passagens – vai até o Viaduto da Conceição para almoçar com as crianças. Conta que é muito difícil conseguir pagar tudo com o que ganha, diz que qualquer ajuda é bem-vinda e que o alimento servido ali ajuda muito, pois os filhos dela comem bem naquele dia e ela não precisa se preocupar. Além disso, também ganham roupas e calçados, coisas com as quais ela não pode gastar, pois o dinheiro geralmente mal dá para pagar as contas e a comida.

Antes ela tinha um marido, mas brigaram e ela ficou sozinha com as três filhas mais velhas, teve dificuldade para sustentar elas sozinha. Depois casou novamente e teve mais duas crianças. Na última gravidez teve complicações e foi recomendado que não tivesse mais filhos, pois seria gravidez de risco. O marido trabalha na Cooperativa de Trabalhadores Autônomos das Vilas de Porto Alegre (Cootravipa), e ajuda nas contas da casa, mas não muito com as coisas para as crianças, pois não sobra, daí ela trabalha e se esforça para conseguir manter eles na escola. Conta que o Bolsa Família⁷ ajuda nisso, pois o dinheiro serve para pagar o material escolar, cadernos, lápis, tenaz, canetinhas coloridas, e o que sobra entra na conta para comprar comida, um lanche para as crianças, por exemplo. Ainda sobre o Bolsa Família, ela diz que “há quem fala mal do “bolsa”, mas é por que não precisa, não sabe que o dinheiro ajuda a manter as crianças na escola, pois tem que cuidar se o filho tá indo na aula, eles controlam se a criança falta na aula, mandam chamar a mãe para saber o motivo da falta e avisam se está indo mal nos estudos”.

Dos filhos que tem, uma delas teve problemas de saúde, alguma coisa atacou o couro cabeludo dela, perdeu o cabelo, os médicos do posto não sabiam o que era. O posto de saúde não dá conta de tudo, o encaminhamento para médico em hospital demora e quando se consegue já pode ser tarde para algum tratamento. Ela contou que não entendeu bem o que a filha teve, mas que agora estava melhor, o cabelo voltou a crescer e ela já está mais forte, já corre e faz arte. Antes, quando estava doente, não fazia nada, às vezes nem comia, não brincava, só ficava sentada ou deitada. Mesmo sem conseguir saber o que a filha teve, está feliz que agora a filha está bem.

Enquanto conversa, ela fala tudo de forma rápida, pois fica sempre a observar as crianças que correm de um lado para outro, pois no local onde esperam pelo almoço – fila preferencial para mães ou pais com crianças, doentes e idosos – há o movimento dos ônibus, e as pessoas ficam no meio-fio que dá para a passagem dos ônibus, daí precisa ficar atenta aos filhos para não serem atropelados. Quando vem um ônibus ela grita alto “olha o ônibus” e as crianças saem correndo na direção dela ou vão para o outro lado, onde ficam os voluntários preparando a comida. Aliás, as crianças sempre que podem dão uma passadinha na mesa para espiar o que terá de

⁷ Programa federal de auxílio para as pessoas em situação de pobreza. Há vários critérios para ser cadastrado no programa, e várias condicionalidades para permanecer, abarcando cuidados com a saúde e com a escolarização das crianças (BRASIL, 2015).

almoço, e de vez em quando têm sorte de algum/a voluntário/a dar algo para comerem ou beberem.

Ela tem um olhar que transmite uma certa alegria, ao menos parece ser muito alegre, pois está sempre sorridente. Não só ela está sempre sorrindo como também suas crianças. Quando ela olha para alguém já sai logo sorrindo e cumprimentando, e as crianças já saem logo abraçando e querendo brincar. Como estão quase todo sábado presentes, são conhecidos por praticamente toda a equipe de voluntários, e isso resulta que sempre alguém leva alguma coisa especificamente para eles, tipo roupas e calçados para a mãe e para as crianças.

Assim como ela, há outras mães que vão até o Viaduto da Conceição nos sábados, principalmente quando não chove. São moradoras da Vila dos Papeleiros, que fica bem perto do viaduto. Também ficam preocupadas com as crianças que não param, a todo momento se vê uma das mães correndo atrás das crianças que correm de um lado para o outro ou ficam brincando com a turminha do *Projeto Viver de Rir*.

5.5 AQUELE QUE ESTAVA FAZENDO “ANIVERSÁRIO DE RUA”

Vinte anos na rua, estava de aniversário, ele disse. Natural de Santa Rosa, estudou na mesma escola da Xuxa.⁸ É mestre de obras, vivendo na rua continua trabalhando, fazendo pequenos consertos para moradores dos arredores de onde ele dorme. Às vezes pega trabalhos maiores, reformas que levam de quatro a dez dias. Tem 62 anos e não fala em aposentadoria ou algum benefício, fala mesmo é sobre sua família e sobre os trabalhos que já fez, faz ou irá fazer. Para ele, a vida na rua começou após a perda de sua família num acidente de carro indo para a praia. No carro estavam ele, a esposa e os pais dele, que tinham vindo a Porto Alegre para visitá-lo. O acidente ocorreu por conta de um buraco na estrada, o carro capotou, sua mulher foi jogada para fora, o carro foi girando até bater numa árvore, atingindo os pais dele. Ele ficou quase um mês em coma, ao acordar ficou sabendo que estava sozinho, que ninguém mais sobrevivera ao acidente.

⁸ Xuxa, ou Maria da Graça Meneghel, é uma apresentadora de TV muito famosa, que nos anos 1980 e 1990 comandou um programa de TV infantil. Ficou conhecida como a “Rainha dos Baixinhos” (WIKIPEDIA, 2010b).

Pegou suas coisas e saiu do hospital para ir para casa. No caminho passou num posto e pegou um galão de gasolina. Chegando em casa jogou gasolina nas coisas e colocou fogo em tudo, queimou a casa toda e doou o terreno para a prefeitura, que construiu uma creche no local. O sonho dele e da esposa era terem filhos, mas ela tinha útero infantil, impossibilitando a gravidez. Haviam iniciado o processo de adoção, porém, com a “partida” da esposa, o sonho foi interrompido. Agora o lugar onde moravam era ocupado por muitas crianças que utilizam a creche.

Aparentemente sua maior dor é a solidão causada pela “perda de tudo” – sua esposa e seus pais –, ficando completamente sozinho, filho único e viúvo. Jurou no túmulo de sua esposa que seria fiel a ela, não casaria novamente, e assim foi, 20 anos na rua e sozinho. Para ele, ela era única, se conheciam desde jovens, ela com 14 e ele com 16, namoraram, casaram e vieram morar em Porto Alegre. Conta que nos anos de casamento nunca tiveram uma briga, sempre se deram bem... o relato não avança muito, pois a emoção toma conta e suas lágrimas caem pelo seu rosto marcado pelo tempo – dos anos, do sol e do sereno.

Trocando de assunto, comida para ele não é problema, tem com fartura. Sempre tem algo para comer em sua mochila. Lembra que somente no início, nas primeiras semanas que ficou na rua, precisou catar no lixo algo para comer, comeu comida azeda, mas nunca “se deu” para pedir comida ou dinheiro. Aos poucos foi conhecendo pessoas, se oferecia para fazer algum trabalho e em troca recebia pagamento ou até algo para comer, como no caso dos restaurantes onde já fez algum bico, tem uns quatro ou cinco restaurantes onde ele pode chegar, se servir e comer. Além disso, tem as pessoas que levam comida para ele no local onde ele fica. Nem sempre está no mesmo local, ele é peregrino, então muda de “praça” e muda até de cidade – já foi para Cidreira, por exemplo.

Ele se denomina peregrino e conta uma de suas histórias. Um dia resolveu ir para a praia, iniciou sua caminhada, deu uma parada em Glorinha quando reparou num mercadinho que estava precisando de uma limpeza. Entrou e perguntou ao dono se podia realizar o serviço. Com a aprovação iniciou o trabalho, ao fim voltou ao dono para avisar. O dono do mercadinho foi conferir o trabalho e ficou admirado com o resultado, ofereceu um pagamento, mas ele recusou, disse que bastava um pedaço de carne. O dono chamou o filho e pediu para pegar uma costela, carvão e um refrigerante. Falou que não precisava tanto, só um pedaço pequeno estava bom, mas o dono falou que ele merecia pelo trabalho, que geralmente as pessoas só pedem

dinheiro, não se oferecem para o trabalho, e perguntou se ele queria mais alguma coisa para o churrasco, respondeu que uma cachacinha, então o dono providenciou uma garrafa. Seguindo seu caminho, achou uma sombra, um bom lugar para fazer o churrasco, parou e fez seu assado na beira da estrada.

Para ele, depois de tantos anos na rua, a vida “sem teto” está ligada à sensação de liberdade, de poder acordar e dizer “hoje vou para outro lugar”, e isso o faz ter dificuldade em ver sua adaptação para voltar a viver numa casa. Reconhece que tem coisas na rua que não gosta, por exemplo o uso da “pedra” (crack).⁹ Disse que quando foi para a rua não existia essa loucura pela pedra, que usavam “cola”,¹⁰ mas agora a tal da pedra “tomou conta”. Ele prefere ficar longe dessas drogas, mas reconhece que tem seus vícios como o álcool e o “palheiro”, o que lembra seu pai que fumava. Sobre viver o frio e o calor na rua, disse que o mais difícil é a chuva, frio e calor tem jeito, já a chuva tem que conseguir abrigo ou se molhar. Além disso, também tem a questão de que às vezes pode ser atacado quando está dormindo. Já aconteceu, inclusive recentemente. Tinha realizado um trabalho e recebido uns R\$ 300,00. Acredita que algum dos guris da rua tenha visto ele recebendo o dinheiro e daí quando dormiu pegaram o dinheiro dele. Felizmente não houve agressão física, somente o roubo.

Quando a solidão fica muito forte, a saudade da família aperta demais e ele sente a tristeza crescer, pensa em tirar a própria vida, disse até que já tentou umas vezes, mas não deu certo, numa vez foi internado em coma alcóolico e em outra viram ele quando tentava se enforcar. Mensurar o tamanho da dor que carrega e que lhe faz pensar no suicídio é difícil, pois ele carrega não só a dor da perda, mas também a culpa. Mesmo que tenham dito que foi um acidente, ele se considera culpado pelo carro ter caído num buraco e capotado, e se culpa mais ainda por ter sobrevivido.

Nos seus vinte anos de rua viu muita coisa, conheceu muitas pessoas e suas histórias. Na sua experiência observou que vão para a rua os mais diferentes tipos de pessoa, já conheceu médico e juiz embaixo da ponte do Guaíba. Fala que os motivos também são diversos. E quando pode tenta ajudar as pessoas a saírem da rua. Recentemente conheceu uma moça de 19 anos na fila quando esperava pelo almoço.

⁹ Crack, droga que resulta da mistura de cocaína com bicarbonato de sódio e água, formando cristais. É a forma de cocaína mais viciante e também a segunda droga mais viciante do mundo, perdendo apenas para a heroína. Quando a droga é fumada pelo usuário, ela faz um barulho de “estalar”, daí surgiu o nome de crack (WIKIPEDIA, 2010c).

¹⁰ Cola de sapateiro: mistura de solventes orgânicos, entre eles o tolueno (ou o xileno), originalmente produzida para ser usada como adesivo para couros e borrachas, mas indevidamente utilizada como droga psicoativa (WIKIPEDIA, 2010d).

Ela contou que estava na rua há dois meses e que tinha um filho de nove meses. Conversando com ela, comparou que ele estava há vinte anos na rua e que se ele tivesse um filho não estaria na rua, estaria em casa cuidando do filho. Após compartilharem suas histórias, a moça disse que ia pra casa, ia voltar para o filho e deixar a rua e a droga. Ele falou com uma das voluntárias e pediu para que ela levasse a moça para casa. A voluntária levou a moça para casa, em Alvorada. Já se passou mais de um mês e a moça não foi vista novamente sob o viaduto. Ele confere toda semana e comemora que não a encontra por lá. Só encontra o marido dela, e conta que já foi chamado por ele, que reclamou por tê-la ajudado a ir embora e o deixado sozinho.

6 APÓS O CAMPO

De início a proposta do trabalho era percorrer um caminho que revelasse como as pessoas em situação de rua se alimentam, investigando o que comem, quando e onde comem. No entanto, o contato com os personagens reais, suas vivências e histórias foram revelando muito mais do que a busca pelo alimento de cada dia. Imaginava-se que o comer fosse uma das maiores dificuldades para quem está vivendo nas ruas, mas o que suas falas mostram é que há outras dificuldades que consideram mais pesadas para a vida na rua. Dificuldades que não são perceptíveis apenas ao olhar, mas sim a partir da escuta das palavras que contam suas vidas.

A expressão “não julgue o livro pela capa”, ou ainda “quem vê cara não vê coração”, faz muito sentido quando aplicadas à população de rua. Aos olhos de quem está passando pelo homem “jogado” na calçada, com alguns papelões ou amontoados de coisas, geralmente sujas, a razão pode julgar que o homem está ali “simplesmente por não querer trabalhar”, ou que “está ali por que quer”. Seus olhos só veem o que está na superfície, e sua razão nem se aventura a questionar-se: será que ele realmente só está ali porque quer? Será que ele não quer trabalhar? Perguntas que para serem respondidas precisam do contato com sua história, ou seja, é preciso abrir o livro para tornar possível saber o que ele diz, ir além da capa.

A partir do campo foi possível refletir sobre o olhar da sociedade acerca destes indivíduos, e como depois de enquadrados numa categoria (pessoas em situação de rua) que os marginaliza, são novamente estratificados, havendo grupos que conseguem ser “mais aceitos” pela sociedade e outros “mais discriminados” socialmente. Os relatos permitiram, em alguma medida, descobrir do que se alimentam, quando e onde comem, mas revelaram mais do que isso, pois a escuta de suas histórias mostrou diferentes experiências de vida que contribuíram para compreender o porquê de estarem em situação de rua.

O que dizem sobre “comer ou não comer, eis a questão”

O processo de contato com quem vive nas ruas de Porto Alegre, através dos Cozinheiros do Bem, para observar e escutar o que contam em relação ao que comem, quando e onde comem, foi construído de forma lenta e gradual, sendo o

diálogo estabelecido um divisor de águas entre o que se buscava encontrar e aquilo que foi se revelando aos poucos, a cada conversa, a cada lágrima e também a cada sorriso.

A alimentação parece ocupar uma parte pequena nas preocupações das pessoas em situação de rua, pois ela vai ocorrer, seja através de doação de alimento, arrecadação de moedas (nas sinaleiras ou nas calçadas) para comprar um lanche ou ir no Restaurante Popular, ou comprando com o dinheiro da reciclagem, ou ainda quando vão pernoitar num albergue (janta e café da manhã). Os homens mais velhos e as mulheres contam não ter muita dificuldade, pois “sempre tem alguém que dá”, já os homens mais jovens relatam ter um pouco mais de dificuldade, para eles a alimentação se realiza mais pelo dinheiro da reciclagem.

Os relatos sobre como conseguem comida indicam que a falta do que comer não é algo que os preocupe, contrariando o que a proposta deste trabalho pensava encontrar. Outra expectativa era que revelassem preferências por determinados alimentos, que por estarem em condição de rua não teriam acesso, e sobre isso há algumas estratégias para comerem somente o que lhes apetece, como as trocas entre eles mesmos.

Assim, no âmbito do projeto Cozinheiros do Bem, não se encontrou entre os entrevistados relatos de falta de comida por grandes períodos de tempo ou mesmo períodos curtos. Todos e todas que foram ouvidos falaram que comem, e comem “de tudo”. Nos almoços servidos pelo projeto durante o período das observações, aqui e ali apareceu alguém que não come cebola, dois ou três que abrem mão do pão, alguns que pedem para trocar a salada de fruta pelo copinho de doce ou trocar o pedaço de bolo por uma salada de fruta, há quem pede a marmitta com pouca comida, pois não dá conta de uma marmitta muito cheia (as marmittas são servidas até o topo, ou “até o talo” como diz o Julio, e é para terem mais ou menos 1kg).

E em relação às doações de alimento que recebem na rua, se ganham algo que não comem, eles trocam ou dão para um “colega” que não tem nada para comer. Este fato é interessante, pois se por um lado há relatos falando sobre a dificuldade de fazer amigos na rua, por outro há solidariedade, cada um dentro das suas condições, quando pode “dá um apoio” para o outro, seja compartilhando alimento, roupas, calçados ou mesmo o vício (cigarro, cachaça, outras drogas). Com estas práticas, eles conseguem exercer um controle do que comem, fazendo trocas cada um come aquilo que é de sua preferência, e compartilhando vão criando tênues laços de amizade.

Em alguns momentos, houve resgate de histórias em família, antes de estarem na rua, ou ainda de histórias já vividas como “morador/a de rua”, histórias que deixaram marcas de alegria ou de tristeza. Lembrando do caso daquele que veio de Pelotas, pareceu um misto de alegria e tristeza quando recordou dos doces de sua avó. Ele lembrou sorrindo de quando “era moleque e ficava ao redor da mesa da avó vendo ela preparar os doces” e logo em seguida sua face estava cheia de lágrimas, pois segundo ele sentiu saudade. A história contada pelo rapaz de Ijuí, lembrando que na infância seus tios o enganaram para comer uma cebola assada, deixando marcas tão fortes no seu paladar que até hoje não come cebola. Além disso, ele é alcoólatra e se questiona se isso não começou pelo fato dos tios terem feito, na mesma ocasião, ele beber dois canecos de vinho. Estes relatos demonstram que a alimentação de um indivíduo é carregada de memória, “opera muito fortemente no imaginário de cada pessoa, e está associada aos sentidos: odor, a visão, o sabor e até a audição” (SANTANA; SILVA, 2012, p. 1). Uma aproximação para observação dos hábitos alimentares destes indivíduos em condição de rua possibilita o acesso a estas memórias, pois os hábitos alimentares “são veículos de profunda emoção” (MINTZ, 2001, p. 31).

Para além da comida

Escutar as histórias por trás dos/as personagens (estigmatizados/as) diminui o abismo entre quem tem casa e quem vive na rua. Muito além de permitir que possamos visualizar como têm acesso à comida, onde, quando e o que comem, suas histórias permitem uma espécie de resgate de humanidade, não só deles, mas de quem observa, pois permite pensar em quem vive nas ruas como um igual, um ser humano como a pessoa sentada ao lado no sofá da sala, pois não há nesta vida quem não tenha sofrido, seja por doença, por perda dos entes queridos, por traição, por abandono, por puro azar. O contato mais próximo com as pessoas que aceitaram conversar sobre suas experiências morando nas ruas provocou um certo incômodo, ou desconforto, tal qual Goldman (2008, p. 7) aponta:

Os discursos e práticas nativos devem servir, fundamentalmente, para desestabilizar nosso pensamento (e, eventualmente, também nossos sentimentos). Desestabilização que incide sobre nossas formas dominantes de pensar, permitindo, ao mesmo tempo, novas conexões com as forças minoritárias que pululam em nós mesmos.

A partir da escuta das falas das pessoas, que entre outras coisas relataram ser consideradas “lixo humano”, o conceito de “estigma” pareceu ser relevante para pensar sobre a população de rua a partir do olhar “comum”, que julga “estão ali por que querem”, “são tudo vagabundo”, “só tem drogado”. A partir da atribuição de determinadas características àquelas pessoas se “justifica” a posição na qual estão, ao mesmo tempo que as afasta do “padrão” de cidadão ou cidadã, e em certo sentido as afasta do que são, seres humanos. Nesse sentido, o estigma, definido como um atributo (físico, comportamental, moral ou de afiliação) profundamente depreciativo, que desqualifica a pessoa ou grupo, desabilitando-a para um convívio social pleno (GOFFMAN, 1980), pode ser aplicado à população de rua.

Cabe dizer que não houve quem, entre as pessoas entrevistadas, falasse sobre sofrer em função do estigma que carrega, ou que quem vive na rua é estigmatizado. A reflexão sobre o estigma emergiu ao escutar seus relatos de como são tratadas ou mesmo como se sentem em relação aos olhares de quem passa por elas e olha suas roupas sujas ou esfarrapadas, suas coisas no chão ou no carrinho de reciclagem, olhares que eles “sentem” que “não são bons”. E há indícios de que estes olhares ainda são “menos amigáveis” com a população de rua que é negra, jovem e homossexual, pois são eles que relatam não receber muita doação de alimento, roupas ou outra ajuda.

Considerando que esta população sofre o estigma de serem drogados, vagabundos, que causa um mal-estar na sociedade por não estarem dentro da regra (ter casa e trabalho), tendo sobre eles um olhar de medo e desconfiança, pareceu interessante acrescentar o conceito de desvio de Becker, que identifica o desvio como uma falha em obedecer as regras do grupo. Assim, quando se descreve as regras que um grupo impõe a seus membros, pode-se dizer com alguma precisão se uma pessoa as violou ou não, sendo portanto, nesta concepção, desviante (BECKER, 2008). Ainda sobre comportamento desviante, Velho (1974) compreende o desviante como um indivíduo que não está fora de sua cultura, mas que faz uma leitura divergente. O indivíduo não será sempre desviante, haverá áreas em que agirá como um cidadão “normal” e em outras divergirá dos valores dominantes.

O que as marcas do estigma e da visão desta população como sujeitos desviantes escondem são, a meu ver, principalmente seus medos e suas dores, aquilo que tem grande potência de aproximação entre os indivíduos, pois se observarmos uma rede social por um dia apenas veremos quantas pessoas se engajam em dar

força para alguém que compartilha a perda de alguém ou que está com uma doença grave. Ouvir seus medos e suas dores mobiliza uma reflexão sobre o que se valoriza na vida, ou melhor, que vida se valoriza? Vida de quem? Todos e todas ali vivem, mas parecem “gritar” pelos olhos que sabem que suas vidas são praticamente como se “não estivessem ali”.

A solidão, seja pela perda ou pelo abandono, é uma das dores que mais ataca o coração ou a alma daqueles que foram ouvidos. O fato de não terem ninguém para compartilhar o dia parece diminuir neles a vontade do próprio viver, parecem sofrer de um estado de depressão que os consome, não deixando espaço para terem “vontade” de fazer qualquer coisa. E sempre há quem possa dizer: mas a vida é assim para todo mundo. Bom, eu penso: dizemos que o rio tem água doce, mas será que o peixe pensa assim? Uma experiência não causa o mesmo efeito em todas as pessoas, se assim fosse não haveria quem gosta de banho de mar e quem só gosta de para ele olhar.

A ausência de laços afetivos se revela também nas falas de quem vai lá “pela confraternização”, ou para “não comer sozinho/a”. Há aqueles que a família “desistiu” por causa das drogas, há os que não tiveram família desde crianças, há os que tiveram uma família muito unida, mas a perdeu por doença ou acidente e nunca mais conseguiu se recuperar da tristeza. Quando as histórias aparecem é impossível não ver além da aparência, não sentir o peso da solidão na voz, no olhar e nas lágrimas de quem tá “ali” na frente “se contando”. Suas dores são vividas de forma tão profunda, que há quem diz não saber “até quando vai aguentar”, e há quem conta que já pensou ou até tentou o suicídio.

O medo que apontam se refere principalmente pelos riscos que enfrentam ao estarem expostos à violência que pode ocorrer entre eles mesmos, quando alguém está muito alterado pelo álcool ou pela “pedra”, ou por grupos de pessoas que querem “exterminar as pessoas da rua”, ou ainda pela polícia. O sono é prejudicado pelo estado de alerta que o medo provoca, “tem que dormir com um olho fechado e o outro aberto” diz um dos entrevistados que já foi assaltado enquanto dormia. Uma das formas que encontram para dormir é “se encachaçar”, tomam uma garrafa e quando se dão conta “apagaram”. As mulheres ainda relatam o medo de abusos físicos ou sexuais. Durante as observações, uma das moradoras do Viaduto da Conceição contou que apanhou de dois rapazes e quando conseguiu fugir foi atropelada por um carro. Outra só escapou de um estupro porque outro morador de rua que ela conhece

estava passando para ir no banheiro que tem sob o viaduto e a viu, foi lá e “correu os caras”.

O medo também pode estar presente na hora de comer, pois quando recebem algo na rua não sabem as intenções de quem está dando o alimento, conforme o relato sobre um homem (empresário) que entregou comida dentro de embalagens de marmitta para um grupo e quando foram comer descobriram que havia vidro na comida. E ainda há o medo de caronas, que apareceu numa conversa sobre pedir carona para ir para a cidade de origem, mas que era complicado, pois ficaram sabendo de alguém que pegou carona e acabou morto. São muitos os medos, e para compreender melhor seria necessário outro estudo.

Nem tudo é tristeza

A experiência com este grupo trouxe muita “miséria” à tona, miséria da sociedade, não da população de rua, me refiro a uma miséria de sentimentos, de olhar o outro como humano, de ter uma disposição para o compartilhar, para o doar. Miséria esta identificada aqui, neste ser que escreve, que de repente se deu conta do tempo, energia e recurso gastos com coisas que não acrescentam nada na vida em sociedade. É interessante se pensar como uma pessoa que estuda sociedade, grupos sociais, relações humanas e ver-se tão distante de ações voltadas para pessoas, para o encontro com elas. Essa reflexão foi um presente, uma oportunidade de se modificar e de se permitir agir.

Encontrar a mãe que trabalha no galpão de reciclagem, que vai todo sábado que pode atrás de uma alimentação mais adequada para os filhos, sempre alegre, zelosa pelas crianças, cuidando dos idosos e dos doentes que aguardam com ela na fila preferencial, faz crescer internamente o sentimento de que se pode sempre fazer mais. Um sorriso muda o dia de alguém, um abraço fortalece quem está esmorecido/a, uma palavra ou um simples parar e escutar ajuda muito quem está solitário/a na vida. Não é preciso ficar “atordoado/a” pensando que é impossível melhorar o mudo, basta respirar, olhar à frente e sorrir, fazendo aquilo que é possível, melhorando o que está ao alcance, cuidando do que está logo em frente.

Conhecer o homem que chamam de “velho”, e saber que embora a dor seja grande pela sua solidão, ele vive um dia de cada vez, ajudando seus “colegas” que estão por perto, compartilha a comida que tem, faz um fogo e prepara o almoço na

praça, quem chegar pode comer. Para ele, “comida é arroz, feijão, carne. Cachorro quente não é comida”. A vida para ele fora da rua é “quase impossível”, pois estar na rua dá uma sensação de liberdade, de poder ir e voltar quando quiser. Difícil mesmo é a chuva, no mais segue sorrindo e querendo ajudar quem está na rua como ele, mas segundo ele, “pior que ele”. Os relatos deste personagem foram os mais constantes durante o campo, pois todo sábado estava presente, e por isso muito inspiraram a escrita deste trabalho. Ele mesmo conta que um dia é possível que escreva um livro contando tudo que viu, ouviu e viveu nos anos que está na rua.

Para concluir, ainda que o trabalho dos/as voluntários/as dos Cozinheiros do Bem não tenha sido foco deste estudo, é impossível deixar de dizer que a força do trabalho em conjunto realizado pelo grupo é contagiante para quem está por lá, meio “dentro” e meio “fora”, o grupo transmite um sentimento de cooperação, de coletividade, de agir pensando no bem-estar do outro. A relação que se estabelece entre eles e entre os clientes se constrói a cada ação, vão se tornando íntimos, trocam informações para manter contato. Os laços estabelecidos acabam indo para além do momento da ação, e sempre que possível envolvem outras ações, como levar alguém de volta para a casa da família, ou para um local de reabilitação, arrumar um trabalho, ou qualquer outra coisa que esteja ao alcance.

Pessoalmente, os resultados deste trabalho foram de transformação pessoal, que me movem na direção das pessoas que estão em condição de rua, olhando-as com outros olhos, querendo “folhear suas páginas” para conhecer mais de suas histórias, aprofundar este contato, afinar o que já se revelou e ver o que mais se revela.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Adriano C. et al. *Condições de alimentação da população em situação de rua*. [online]. 2015. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/condicoes-de-alimentacao-da-populacao-em-situacao-de-rua/144326#ixzz5F7an0biC>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1963].

BOCA DE RUA. A ilha da fatura. *Boca de Rua*, Porto Alegre, ano IX, n. 38, jan./fev./mar. 2011a. Disponível em: <https://jornalbocaderua.files.wordpress.com/2015/08/38-boca-de-rua-jan-fev-mar-11.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BOCA DE RUA. Moradores de rua colaboram com ecossistema. *Boca de Rua*, Porto Alegre, ano X, n. 41, out./nov./dez. 2011b. Disponível em: <https://jornalbocaderua.files.wordpress.com/2015/08/41-boca-de-rua-out-nov-dez-11.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BOCA DE RUA. Cena comum. *Boca de Rua*, Porto Alegre, ano X, n. 41, out./nov./dez. 2011c. Disponível em: <https://jornalbocaderua.files.wordpress.com/2015/08/41-boca-de-rua-out-nov-dez-11.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BOCA DE RUA. Porto Alegre, ano XIII, n. 52, abr./maio/jun. 2014. Disponível em: <https://jornalbocaderua.files.wordpress.com/2015/08/boca-de-rua-abr-mai-jun-14.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BOCA DE RUA. Porto Alegre, ano XIII, n. 54, jan./fev./mar. 2015. Disponível em: <https://jornalbocaderua.files.wordpress.com/2015/08/boca-de-rua-jan-fev-mar-15.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 183-191

BRAÇOS ABERTOS. Julio Ritta, Cozinheiros do Bem. 2016. Disponível em: <http://www.bracosabertos.com/conteudo/julio-ritta-cozinheiros-do-bem.html>. Acesso em: 28 out. 2018.

BRASIL. MDS. *O que é. Conheça o Programa Bolsa Família*. 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e>. Acesso em: 29 nov. 2018.

COLA DE SAPATEIRO. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010d]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cola_de_sapateiro. Acesso em: 28 out. 2018.

COZINHEIROS DO BEM. SOBRE: Declaração de autoria. 2015. Facebook: [cozinheirosdobem](https://www.facebook.com/cozinheirosdobem/). Disponível em: <https://www.facebook.com/cozinheirosdobem/>. Acesso em: 28 out. 2018.

CRACK. *In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia.* [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010c]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Crack>. Acesso em: 28 out. 2018.

JORNAL EXTRA CLASSE. *Boca de Rua: made in Porto Alegre.* 2001. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/edicoes/2001/04/boca-de-rua-made-in-porto-alegre/>. Acesso em: 24 nov. 2018.

GEHLEN, Ivaldo et al. Dinâmicas, estratégias e mundo da população em situação de rua de Porto Alegre. *In: SCHUCH, Patrice; GEHLEN, Ivaldo; SANTOS, Simone Ritta dos. População de rua: políticas públicas, práticas e vivências.* Porto Alegre: CirKula, 2017.

GOFFMAN, Erving. *Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores do antropólogo: Antropologia pós-social e etnografia. *Ponto Urbe* [Online], São Paulo, 3, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

MEIRELLES, Mauro. Políticas públicas, práticas e vivências das populações de rua em Porto Alegre. *In: SCHUCH, Patrice; GEHLEN, Ivaldo; SANTOS, Simone Ritta dos. População de rua: políticas públicas, práticas e vivências.* Porto Alegre: CirKula, 2017.

ROCHA, Anal Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. *Etnografia: saberes e prática.* *In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Ciências Humanas: pesquisa e método.* Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SCHUCH, Patrice; GEHLEN, Ivaldo; SANTOS, Simone Ritta dos. *População de rua: políticas públicas, práticas e vivências.* Porto Alegre: CirKula, 2017.

SOMOS TODOS IGUAIS. Direção: Michael Carney. Produção: Mary Parent, Cale Boyter e Michael Carney. Elenco: Greg Kinnear, Renée Zellweger, Djimon Hounsou. Roteiro: Michael Carney. [S.l.]: Paramount Pictures, 2017. (120 min), son., color.

TNT. *In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia.* [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010a]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/TNT_\(tecido\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/TNT_(tecido)). Acesso em: 28 out. 2018.

VELHO, Gilberto (org.). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social.* Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

XUXA. *In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia.* [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010b]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Xuxa>. Acesso em: 28 out. 2018.